



INSTITUTO FEDERAL  
Alagoas

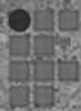


PROFEPT  
PROGRAMA DE APOIO À QUALIDADE DA  
ENSINAGEM PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

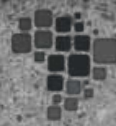


# GUIA DE AÇÕES EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS

JOSÉ BENILDO MIRANDA DA SILVA  
REGINA MARIA DE OLIVEIRA BRASILEIRO



INSTITUTO FEDERAL  
Alagoas



PROFEPT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



# GUIA DE AÇÕES EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS

2025

JOSÉ BENILDO MIRANDA DA SILVA  
REGINA MARIA DE OLIVEIRA BRASILEIRO



# EXPEDIENTE TÉCNICO

Instituto Federal de Alagoas

Reitor: Carlos Guedes de Lacerda

Pró-reitora de pesquisa, pós-graduação e inovação: Eunice Palmeira

Programa de pós-graduação em educação profissional e tecnológica  
(PROFEPT-IFAL)

Coordenador: André Suêlto Tavares de Lima

**Autores:** José Benildo Miranda da Silva

Regina Maria de Oliveira Brasileiro

**Projeto gráfico e diagramação:** Bruno Eric Silva Miranda e José Benildo Miranda da Silva

**Redação:** José Benildo Miranda da Silva

**Revisão textual:** José Bartolomeu Miranda da Silva

**Orientação:** Dra. Regina Maria de Oliveira Brasileiro

**Suporte Técnico:** Dra. Beatriz Medeiros de Melo

**Elementos gráficos:** Canva



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal de Alagoas Campus Avançado  
Benedito Bentes Biblioteca

---

370

S586g

Silva, José Benildo Miranda da.

Guia de ações educativas antirracistas / José Benildo Miranda da Silva. – 2025.  
50 f. : il.

ISBN 975-65-01-79045-9

Produto Educacional da Dissertação Ações antirracista na educação profissional e tecnológica: comunidades quilombolas Sabalanga e Gurgumba como possibilidades de espaços não formais de ensino - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2025.

1. Educação. 2. Racismo Estrutural. 3. Movimento Negro. 4. Práticas Antirracista.  
I. Título.

---

Fernanda Isis Correia da Silva / Bibliotecária - CRB-4/1796



# DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

**Título do Produto Educacional (PE):** Guia de Ações Educativas Antirracistas.

**Origem:** Dissertação Intitulada “Ações Educativas Antirracistas na Educação Profissional e Tecnológica: As comunidades Quilombolas Sabalangá e Gurgumba como possibilidade de espaços não-formais de ensino”.

**PPG ao qual encontra-se vinculado:** Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Campus Benedito Bentes-Ifal.

**Área do Conhecimento:** Ensino.

**Área de Concentração:** Educação Profissional e Tecnológica.

**Linha de Pesquisa 2:** Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT.

**Macroprojeto 6:** Organização de Espaços Pedagógicos na EPT.

**Categoria deste Produto:** Manual/ Material Instrucional.

**Finalidade:** Apresentar as Comunidades Quilombolas Sabalangá e Gurgumba situadas em Viçosa-AL, como possibilidade de espaços não-formais de ensino na EPT.

**Estruturação do PE:** Guia de ações educativas antirracistas contendo orientações de atividades sobre a temática Racismo Estrutural nos espaços não-formais devidamente especificados.

**Registro do PE/Ano:** Biblioteca do Ifal- Campus Benedito Bentes- 2025.

**Avaliação do PE:** Produto Educacional avaliado por docentes do Curso Técnico em Administração da 2ª série Integrado ao Ensino Médio do Campus Viçosa e pelos discentes da referida turma.

**Disponibilidade:** Ilimitado, desde que sejam respeitados os direitos autorais. É vedado o uso comercial.

**Divulgação:** Em formato digital.

**Instituições envolvidas:** Ifal Campus Benedito Bentes e Ifal Campus Viçosa.



# AUTORES

## **José Benildo Miranda da Silva- Autor**

Graduação em Administração (UFAL), Tecnólogo em Gestão de Saúde Pública (Anhanguera), Especialização em Gestão Pública (UFAL), Especialização em Docência do Ensino Superior (FERA), Especialização em Gestão em Segurança Pública (Campos Elísios), Técnico em Infraestrutura Escolar (Profucionário), Técnico em Vigilância em Saúde com Ênfase no Combate às Endemias (UFRGS), Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Alagoas (ProfEPT-Ifal). Servidor Público Estadual e Municipal.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2769158436384932>



## **Regina Maria de Oliveira Brasileiro- Orientadora**

Graduação em Pedagogia (UFAL), Mestrado em Educação Brasileira (PPGE/UFAL), Doutora em Educação (PPGE/UFAL), Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas-IFAL, atuando nos cursos de Licenciatura. Professora permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT- IFAL). Líder do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores: Políticas e Práticas”. Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em EJA. Experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, práticas pedagógicas, educação de jovens e adultos.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4146119273576569>



# SUMÁRIO



1. Apresentação.....	7
2. Introdução.....	8
3. Educação Profissional e Tecnológica.....	9
4. O sistema Escravista no Brasil e em Alagoas.....	10
5. Viçosa no Contexto da Escravidão.....	12
6. As Comunidades Quilombolas como Símbolo de Resistência.....	13
7. Comunidade Sabalangá - Descrição.....	14
8. Comunidade Quilombola Gurgumba.....	15
9. Espaços Não-Formais de Ensino.....	16
10. Racismo Estrutural.....	19
11. Racismo, Preconceito e Discriminação Racial.....	20
12. Preconceito Racial.....	21
13. Discriminação Racial.....	22
14. O Movimento Negro.....	23
15. Os Marcos Legais e as Ações Educativas.....	26
16. Conquistas do Movimento Negro nas Últimas Décadas.....	27
17. Educação das Relações Étnico- Raciais.....	28
18. Visita Técnica- Comunidade Quilombola Sabalangá.....	30
19. Visita Técnica- Comunidade Quilombola Gurgumba.....	34
20. Propostas de Ações Educativas Antirracistas- Palestras em um espaço não-formal.....	36
21. Rodas de Conversa numa Perspectiva Antirracista.....	39
22. Proposta de Visita Técnica a uma Comunidade Quilombola.....	43
23. Sugestões de livros com a temática antirracista.....	45
24. Sugestões de filmes com a temática antirracista.....	46
25. Indicações de artigos com a temática antirracista para contribuir na organização de ações educativas em espaços não-formais de ensino.....	47
26. Referências.....	48



# CARO(A) LEITOR(A)!

O **Guia de Ações Educativas Antirracistas** emerge como um Produto Educacional imprescindível no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Ele surge como um instrumento de desconstrução de padrões racistas, e direciona atividades que buscam diminuir a desigualdade social e seus impactos negativos no cenário brasileiro. O ensino médio, inserido na conjuntura de etapa final da educação básica, assume um papel de grande relevância nesse processo de formação, pois uma sociedade justa se constrói a partir de uma formação que contempla o ser humano em todos os aspectos (Moura, 2013 p. 707).

Tendo como ponto de partida uma pesquisa de mestrado realizada no Instituto Federal de Alagoas intitulada: “Ações educativas antirracistas na Educação Profissional e Tecnológica: as comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba como possibilidade de espaços não-formais de ensino”. Desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal) do Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, essa pesquisa está situada na Linha de Pesquisa 2: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica e macroprojeto 6: Organização de Espaços Pedagógicos na EPT.

Os participantes dessa pesquisa englobam: os discentes da 2ª série do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio, os docentes do referido Curso e os representantes e membros das comunidades quilombolas de Viçosa- AL. Destacando aqui a valiosa cooperação da professora de Sociologia Dra. Beatriz Medeiros de Melo.

Sendo assim, esse Guia pretende apresentar as comunidades quilombolas Sabalangá e Gurgumba como possibilidade de espaços não-formais de ensino no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Nessa perspectiva, a educação não formal abre um leque de oportunidades que contribui de maneira significativa na formação integral dos indivíduos.

Nesse contexto, os espaços educativos não-formais ultrapassam a sala de aula e alcança “territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais”. Dessa forma, a intencionalidade assume um papel preponderante na educação não formal, pois envolve ação, participação, aprendizagem e transmissão ou trocas de conhecimentos, (Gohn, 2006, p. 29).

Nessa perspectiva, é imprescindível considerar as ações educativas propostas nesse Guia como forma de enfrentamento contra o racismo e seus estigmas, que infelizmente encontram-se ainda fortemente arraigado em nosso país. Sendo assim, você irá encontrar sugestões de práticas educativas antirracistas que ultrapassam os muros da escola e alcançam os espaços não-formais de ensino

**Boa leitura!**



# INTRODUÇÃO

A formação de uma estrutura concreta do racismo em nosso país se deu a partir do sistema escravista colonial que foi implantado para explorar a força de trabalho dos escravizados e com isso sustentar os interesses econômicos dos seus senhores, mediante um sistema opressor imposto à população negra trazida da África para atender a esse propósito. O mito da democracia racial foi outro fator que contribuiu de forma significativa na manutenção do racismo, baseado na falsa premissa de superação do racismo por meio da mestiçagem, valendo-se da ilusória convivência harmoniosa entre as raças. A Ciência racial também ajudou na predominância do racismo em nosso país ao enaltecer os europeus e os introduzindo em nosso país, através do processo de migração, em detrimento do negro e do índio, considerados como raças inferiores.

Por esse viés, é preciso considerar que a desigualdade social favorece os planos da classe hegemônica em nosso país, visto que a estrutura social brasileira foi formada de maneira bastante desigual e tinha como premissa a exploração da sua mão de obra escrava. Esse lamentável fato carrega, até os dias hodiernos, uma herança negativa em seu sistema de ensino, pois vivemos em um país que escravizou a população negra durante alguns séculos, e mantém “a desigualdade como produto e condição do projeto dominante da sociedade brasileira” (Frigotto, 2007, p.1131).

Esse **Guia de Ações Educativas Antirracistas**, oferece contribuições bastantes significativas no contexto social, pois se configura como uma ferramenta relevante na desconstrução de padrões racistas consolidados na sociedade atual. Nesse Guia constam roteiros de atividades educativas que podem ser desenvolvidas e replicadas em diversos contextos educacionais, com o objetivo de corroborar para o embate contra o racismo estrutural e as desigualdades sociais.



# EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

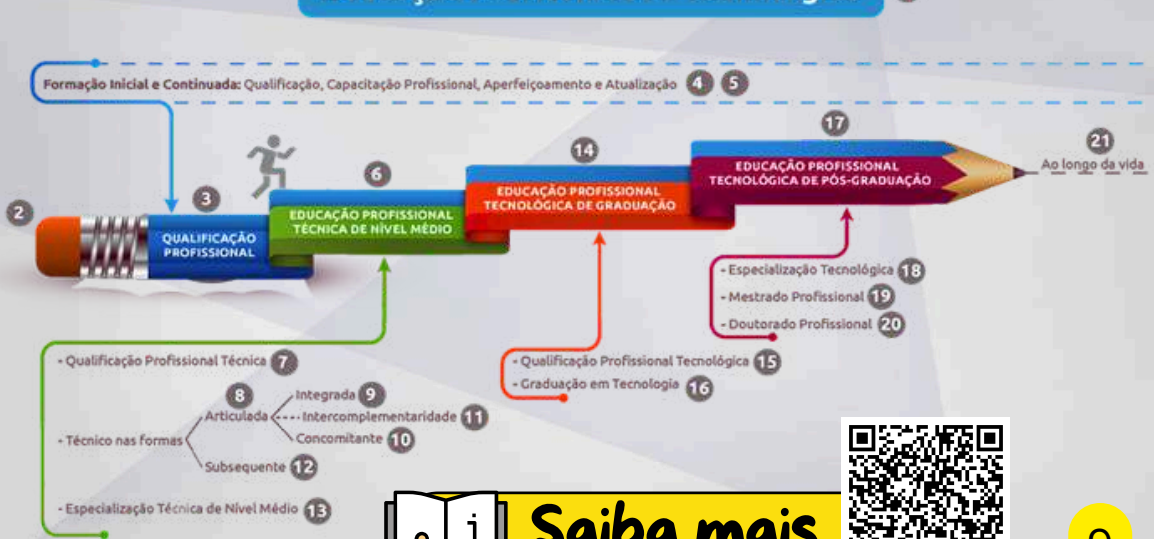
No âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, a formação integrada surge como uma possibilidade de provocar mudanças significativas no contexto social. A EPT tem como objetivo primordial preparar o indivíduo para sua atuação no mundo do trabalho de forma consciente e visão transformadora. A Educação Profissional corrobora com a histórica luta em prol da superação da estrutura opressora, que envolve a divisão de classes sociais, o trabalho e a educação.

Nesse sentido, convém corroborar com esse pensamento, visto que a educação na perspectiva integrada surge como uma possibilidade de transformação paulatina dessa realidade. Nesse sentido, os processos educativos no contexto atual precisam fazer um direcionamento urgente para a formação integrada, visando à desconstrução dos pilares que sustentam o poder hegemônico de domínio do capital.

De acordo, o Portal MEC, os cursos de educação profissional e tecnológica (EPT) previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) são:

**Formação Inicial e Continuada ou Qualificação Profissional**  
**Educação Profissional Técnica de Nível Médio**  
**Educação Profissional Tecnológica de graduação e de pós-graduação**

## Educação Profissional e Tecnológica



Saiba mais



# O SISTEMA ESCRAVISTA NO BRASIL E EM ALAGOAS

Com a implantação do sistema escravista no cenário brasileiro, quase cinco milhões de negros foram trazidos da África para o Brasil durante um período que perdurou quatrocentos anos, para serem escravizados pelos seus donos, tendo suas vidas marcadas pela exploração exacerbada de sua força de trabalho, além de severos castigos a que eram submetidos. Esse grande contingente de africanos subjugados em sua terra de origem e enviados ao Brasil Colônia para serem vendidos como mercadoria para os senhores, donos de grandes propriedades de terras, para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar, café, algodão, entre outras.



Fonte: vallenoticia.com.br

Sendo o Brasil o país que recebeu em suas terras mais africanos durante um período de quase trezentos anos, podemos destacar o negro como sujeito importante no processo de civilização do Brasil. O negro, nesse sentido, se configura como “agente humano e elemento dinamizador da ordem social”, tendo em vista, que na concepção de Florestan e Clóvis, a formação da sociedade brasileira, dentro da interpretação dialética, “o negro saía da condição de objeto da história para reaparecer” na conjuntura supracitada (Queiróz, 2021, p. 255,261).

Nessa perspectiva, o sistema escravista foi profundamente marcado por intensa resistência, pois no dia a dia se via muitas fugas e também diversos protestos, como as rebeliões escravas e as insurreições. É importante registrar que a partir do século XIX, especificamente na primeira metade, surgiram várias revoltas escravas, articuladas por movimentos que lutavam em prol de liberdade, (Schwarcz, Gomes, 2018, p. 29).

Em Alagoas, que naquele momento ainda pertencia à Capitania de Pernambuco, chegaram muitos escravos para movimentar os engenhos de cana-de-açúcar e alavancar a economia da época. É nesse contexto que surgem as primeiras fugas devido aos constantes castigos a que eram submetidos para aumentar a produtividade, isso à custa do suor e do sangue dos escravizados.

Nesse âmbito, convém ressaltar que a vida do negro escravizado nos engenhos de Alagoas não dispunha de flexibilidade nenhuma, visto ser marcada por excessivas horas de trabalho, seguido de repetidas ações de crueldade dos senhores de engenho, onde era submetido a diversos castigos, açoitado sem dó pelos seus algozes.





# O SISTEMA ESCRAVISTA NO BRASIL E EM ALAGOAS

De acordo Castilho (2016), os periódicos da província de Alagoas, destacavam os escravos como protagonistas dos seus próprios atos de duas formas: “quando fugiam e eram procurados por seus senhores ou quando praticavam crimes”. Isso indica que a elite responsável por essas publicações, “reconhecia humanidade nos cativos quando esse se portava como revoltoso”, ou seja, em contextos de rebeldia. Conforme os periódicos examinados pelo autor, podemos notar que esses escravos eram retratados da seguinte maneira: “ora como inimigo, ora como “bom escravo”. Sendo que na primeira abordagem, fica evidente a violência do regime, tendo em vista que o escravo fugitivo era identificado por suas cicatrizes, marcadas por torturas e abusos sofridos ao longo dos anos (Castilho, 2016, p.442).

Diante desses terríveis fatos, são explicitadas as situações adversas que o negro escravizado enfrentou nas garras de seus senhores durante o longo período de escravidão em nosso Estado e em nosso país. O panorama do sistema escravista fortemente marcado por maus tratos e pelas constantes fugas dos escravizados em busca de liberdade, também demonstra o quanto o sistema escravista foi inescrupuloso no contexto social, fomentando a desigualdade social e o racismo estrutural, males que, infelizmente encontram-se extremamente enraizados no cenário brasileiro.

## Escravos fugidos

Fugiram da fazenda do tenente-coronel José Luiz Borges, do município do Rio Claro a 18 de Janeiro do corrente anno os escravos seguintes :

José, preto pouco fula, 25 annos de idade, pouca barba, altura regular, cheio de corpo, tem falta de um dente na frente, uma cicatriz no rosto e outra em um dos braços e dois signaes de ferida nas canellas, é domador e entende de bolieiro.

José, cabra, pouco pallido, 18 annos de idade, altura menos que regular, bocca grande, dentes da frente apodrecidos, testa pequena, bastante ladino, levarão dois cavallo ensilhados, sendo : um saino grande com uma estrela na testa, e outro alazão tonsado a meia elina,

Suspeita-se que se dirigiram para Franca. ou Coritiba ; quem os apprehender e entregar á seu senhor será bem gratificado. 8—3

Fonte: O liberal, ed.197, 19 de setembro 1878.

Nesse cenário carregado de castigos e conflitos, é importante salientar que autores como: Gomes (2003), Lara (1992), Reis; Silva (1989), entre outros, já destacaram a natureza subjetiva da relação entre senhores e escravizados. Essas pesquisas tiveram como objetivo desmistificar a visão do escravo como um objeto ou mera mercadoria. O resultado desse trabalho foi a construção de uma nova abordagem sobre as interações entre senhor e escravo, considerando um contexto de negociações em que o cativo também se manifesta como um sujeito histórico e detentor de alguma autonomia (Castilho, 2018, p.244).



Saiba mais



# VIÇOSA NO CONTEXTO DA ESCRAVIDÃO

As terras em que hoje é situado o município de Viçosa, onde outrora eram parte integrante da região geográfica do Quilombo dos Palmares, pertencente à Capitania de Pernambuco, são terras marcadas pela forte presença dos negros escravizados que, ao fugirem dos seus senhores, se abrigaram nos mocambos que eram formados no objetivo primordial de alcançarem a liberdade. Segundo aponta Brandão em seu livro “Viçosa de Alagoas”, abrigou três mocambos liderados por Dambraganga, Andalaquituche e Osenga que eram ligados ao mocambo da Cerca Real dos Macacos em União dos Palmares, que junto a outros formavam o Quilombo dos Palmares, (Brandão, 2005).

Nesse sentido, convém ressaltar a relevância dessas terras nesse contexto histórico, visto que nesse lugar ocorreram momentos importantes de lutas e resistências dos negros sempre em busca da sua liberdade. Essa constatação é crucial para enfatizar as constantes investidas das tropas e expedições que foram realizadas com o objetivo de destruir o Quilombo dos Palmares, onde os constantes combates terminaram enfraquecendo esse importante reduto de luta e resistência.



Viçosa-AL  
Fonte: cidades.ibge.gov.br

Dessa forma, como já destacamos, Zumbi se refugia na referida localidade com o propósito de continuar “realizando as incursões nos engenhos para libertar escravizados/as e procurando armas e munição para dar continuidade à luta contra os escravocratas e na busca de liberdade”. Nesse contexto, como relata Araújo, “passou a ser uma questão de honra para o governo colonial português no Brasil” a morte de Zumbi dos Palmares, (Araújo, 2021, p. 80).

Após a destruição do Quilombo dos Palmares e a morte de Zumbi em 20 de novembro de 1695 em seu último refúgio onde estava escondido na atual Serra Dois Irmãos, muitos negros foram escravizados novamente, outros foram alforriados, “mas viviam sob a constante vigilância”. É nesse contexto que surge a organização e surgimento das povoações quilombolas em Viçosa, como relata Vasconcelos (2023), quando diz:

Esse último fato explica o surgimento das povoações com origem quilombola em Viçosa, como o Sabalangá, Gurgumba e Mata Escura, por volta de 1700, sendo estas as mais antigas do município. Inclusive as duas primeiras são comunidades remanescentes certificadas pela Fundação Palmares, (Vasconcelos, 2023, p. 3).



**SAIBA MAIS**





# AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA



Fonte: [www.theads.net](http://www.theads.net)

As comunidades quilombolas existem historicamente pela manutenção dos elos fortes de sua identidade com o território delimitado tradicionalmente, apoiado pela práxis vivenciada e pela força demonstrada diante da opressão sofrida ao longo do tempo. Essa forte ligação dos quilombolas com a terra, com as manifestações culturais e sociais que envolvem “celebrações, construções de espaços sagrados e de vínculo com as memórias ancestrais. As relações e os modos de vida associam-se a outras características de natureza cultural e simbólica”, desenvolvendo um sentimento mútuo de lutas em prol de reconhecimento e dignidade, (Souza; Silva, 2021, p.86).

Esta constatação é crucial para fomentar a luta dessas comunidades pelos direitos que lhe são peculiares. Desse modo, não se pode permitir que os interesses hegemônicos promovam o apagamento dessas comunidades quilombolas visando o enfraquecimento da luta e dos questionamentos levantados ao longo do tempo. Nessa conjuntura, é de suma importância a criação das ações afirmativas como instrumento que minimize os impactos tão negativos da desigualdade social.

O processo histórico que evidenciou o sistema escravista no cenário brasileiro, foi fortemente marcado por lutas travadas e fortes resistências efetivadas pela população negra que não aceitou a opressão dos seus senhores. Sendo assim, os escravos fugiam e se refugiavam nos quilombos, como uma das formas de escapar da crueldade dos seus donos. Consequentemente, as constantes fugas observadas pelos senhores lhes causavam indignação e grandes prejuízos econômicos. Destarte, a perseguição era ferrenha contra os negros que fugiam da dureza e opressão do trabalho escravo que violava severamente a dignidade do indivíduo.





# COMUNIDADE QUILOMBOLA SABALANGÁ- DESCRIÇÃO

A comunidade quilombola Sabalangá foi formada a partir do mocambo de Dambraganga que pertencia ao Quilombo dos Palmares quando ainda essas terras pertenciam a Província de Pernambuco. Essa comunidade “era habitada por negros livres desde os tempos mais remotos da Viçosa”. É oportuno registrar que a palavra Sabalangá antes era chamado de Salabangá, que é constituída de duas partes: “sala ou zala e banga” (Brandão, 2005, p. 8-9).

Sendo assim, “Sala” ou “zala”, que significa “residência”, “casa” ou “agrupamento de casas”, e “banga”, que, como discutiremos mais adiante, se refere a uma serra onde os negros se estabeleceram durante o último período da guerra. Além disso, podemos observar que a localização geográfica também confirma essa relação: Sabalangá está situada aproximadamente a quatorze léguas ao sul de União, distância correspondente à que é mencionada no manuscrito entre Macaco e Zambrabanga (Brandão, 2023, p.51).

Para melhor compreensão, convém relatar que a comunidade quilombola Sabalangá está localizada no município de Viçosa-AL, sendo formada por 100 (cem) famílias. Ela recebeu a certificação da Fundação Cultural Palmares no dia 27 de dezembro de 2010. A referida comunidade está situada na área urbana da cidade, próximo ao Rio Paraíba, no caminho que vai para a Comunidade quilombola Gurgumba e também a Serra Dois Irmãos, lugar onde possivelmente ocorreu a morte de Zumbi no ano de 1695.

Podemos descrever essa comunidade da seguinte forma: ela possui as ruas pavimentadas, tem água encanada nas residências, uma praça central que oferece a sua população um espaço de lazer. Tem uma antiga Igreja Católica que preserva a imagem de São José há muitos anos. Existe também uma Igreja evangélica, uma Unidade Básica de Saúde-UBS, com uma equipe multiprofissional que atende os seus moradores. Em nossas visitas, notamos a existência d uma escola de música para incentivar crianças, adolescentes e jovens a tocar instrumentos de metal e percussão.

Infelizmente a única escola de educação formal da comunidade, encontra-se desativada há muito tempo. Nesse sentido, os estudantes quilombolas são assistidos com um ônibus escolar para o traslado dos alunos até a sua unidade de ensino.

Igreja de São José  
Fonte: Autores





# COMUNIDADE QUILOMBOLA

## GURGUMBA- DESCRIÇÃO

A Comunidade Quilombola Gurgumba, possivelmente é originária do mocambo Andalaquituche, estando localizado próximo da Serra dos Dois Irmãos, no Município de Viçosa-AL. Essa comunidade recebeu a certificação pela Fundação Cultural Palmares no dia 27 de dezembro de 2010. Atualmente é constituída por 12 (doze) famílias. Segundo a nossa observação, a Comunidade Gurgumba, apesar do seu valor histórico, cultural no contexto do Quilombo dos Palmares, possui uma precariedade até nos serviços básicos que são oferecidos a sua pequena população.

Diferentemente da Comunidade Sabalangá, ela não possui rua pavimentada, nem os seus moradores têm água encanada em suas residências. Situada à margem da linha férrea que se encontra desativa há muitos anos e beirando o Rio Paraíba, onde no ano de 2010 provocou uma grande enchente deixando as famílias da comunidade desalojadas, tendo as suas residências feitas de pau-a-pique condenadas pela Defesa Civil naquela ocasião. A Prefeitura Municipal construiu casas novas para os quilombolas no bairro Santa Ana na zona urbana, almejando a transferência de todos os quilombolas da Gurgumba, onde algumas famílias decidiram aceitar a proposta e foram morar definitivamente na cidade. As demais famílias não aceitaram a ideia de abandonar o seu pedaço de chão e permaneceram na comunidade, mesmo diante de tantos reveses. Como dito anteriormente, atualmente vivem na comunidade 12 famílias que de acordo a entrevista diagnóstica feita com alguns moradores, identificamos muitos problemas estruturais na referida comunidade. Através dessa pesquisa pudemos descobrir que houve um certo apagamento dos relevantes fatos historiográficos em relação as duas comunidades quilombolas e que nos dias atuais são devidamente reconhecidas em Viçosa-AL.



Comunidade quilombola Gurgumba  
Fonte: autores

Nesse sentido, eles relataram que dependem do Programa Bolsa Família do Governo Federal para sobreviverem, pois praticamente não tem terras disponíveis para a agricultura familiar e nem mesmo água potável encanada para atender os quilombolas. Em relação os serviços de saúde disponibilizados a população da comunidade, depende do médico que trabalha na Unidade de Saúde localizada na comunidade quilombola Sabalangá e atende esporadicamente a população do Gurgumba. Observamos que nessa comunidade nenhum aluno estuda no Ifal Campus Viçosa. Dessa forma, para os alunos da rede municipal e estadual a Prefeitura disponibiliza um ônibus para o transporte desses discentes.





# ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE ENSINO

A educação não-formal vem alcançando relevância no contexto educacional devido a vários fatores, entre eles: uma evidente disfunção da escola pública, bem como as pressões sociais envolvendo temas sensíveis no campo social da atualidade. Por esse viés, a educação formal, sendo basilar para a formação do indivíduo, tem apresentado alguns pontos limitantes que requerem mudanças profundas para atender às novas demandas. É importante salientar que o reconhecimento e valorização que a educação não-formal vem ganhando no contexto escolar não pode de forma alguma desconsiderar a importância da educação formal, visto que elas são complementares, (Simson et al, 2001, p. 29).



Fonte: [www.ifal.br](http://www.ifal.br)



Fonte: [www.ifal.br](http://www.ifal.br)

As práticas educativas quando são organizadas em espaços não formais, se configura como uma oportunidade promissora de fazer um forte elo do aluno com o mundo do trabalho. Isso também viabiliza a inserção do indivíduo no contexto social e político preparado para enfrentar os inúmeros desafios que o cerca. Nesse sentido, é imprescindível a apropriação dos fundamentos históricos e filosóficos que norteiam as práticas pedagógicas no contexto da EPT, com o intuito de compreender “as múltiplas relações e determinações que configuram a materialidade social das relações de produção e trabalho”, (Gomes; Lima, 2021, p.370).



# ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE ENSINO



Comunidade quilombola Gurgumba  
Fonte: autores

“É importante considerar os espaços não formais como um lugar de profundas reflexões no contexto educacional, pois esses ambientes contêm características inerentes aos seus diferentes contextos. Assim, é importante a qualquer estudante a utilização dos espaços de educação não formal no seu processo formativo, no âmbito do ensino profissional e assim, estimular observações mais profundas às questões de cidadania”, (Castilho, 2014. p. 34).



**Saiba mais**





# ESPAÇOS NÃO-FORMAIS DE ENSINO

**“ Ao conhecer as comunidades tradicionais apreendemos os processos históricos de transformação, os estágios de desenvolvimento tecnológico de cada tempo e espaço geográfico, tomamos consciência das lutas individuais e coletivas travadas no âmbito da produção material da existência e que moldaram a sociedade tal qual ela é hoje.**

**Quando pensamos em práticas pedagógicas em espaços não-formais, tudo é educativo”(Gomes; Lima; 2021, p. 377)**



Fonte: Autores

**A intencionalidade assume um papel preponderante na educação não formal, pois envolve ação, participação, aprendizagem e transmissão ou trocas de conhecimentos, (Gohn, 2006, p. 29).**



# RACISMO ESTRUTURAL

A concepção de racismo estrutural se encaixa na perspectiva da luta pela hegemonia da concepção materialista de racismo. Não se trata apenas de uma outra dimensão da percepção do racismo- o racismo estrutural distinto do institucional e do individual/comportamental. Mas de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural, (Oliveira, 2021, p. 66-67).

Nesse sentido, o racismo estrutural apresenta as instituições como reprodutoras das condições que estabelecem e mantém a ordem social. Nesse sentido, a “imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar”. Dessa forma, a operação da instituição depende diretamente de uma estrutura social que fomenta e preserva as práticas racistas. Nesse âmbito, “torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas”, através de práticas educativas antirracistas (Almeida, 2019, p. 33).



Fonte: [pt.linkedin.com/pulse/racismo-violencia-estrutural-e-estruturante-batista-goemes-ferreira](https://pt.linkedin.com/pulse/racismo-violencia-estrutural-e-estruturante-batista-goemes-ferreira)

Dessa forma, o racismo ultrapassa as atitudes individuais, pois não se limita nas ações de um indivíduo sobre o outro, mas em uma dimensão maior de um grupo sobre o outro. Nesse sentido, “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos”. Desse modo, o racismo é consequência dessa estrutura social marcada profundamente por um passado sombrio, onde “comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (Almeida, 2019, P.41).



**Saiba mais**





# RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

O racismo surge como uma problemática muito importante em nosso país, pois percebemos que esse mal infelizmente está arraigado fortemente na sociedade brasileira, pois a sua permanência acentuada no meio social indica que a classe hegemônica fornece todo suporte para sua prevalência, tanto nas ações de cunho individual, bem como na própria estrutura do Estado, que fomenta o racismo sistematicamente.

Nesse contexto, o racismo e seus diversos estigmas como: preconceito, discriminação, exclusão social e intolerância despejados contra os negros, revelam os excessivos abusos advindos das fontes colonialistas e do processo de formação do povo brasileiro e dos vários embates e disputas que os negros têm corajosamente enfrentado ao longo do tempo. Os frutos deixados pelo processo histórico e direcionados a população negra no contexto brasileiro são nefastos, pois a exclusão social e as desigualdades sociais são gritantes em desfavor desse grupo, que é discriminado constantemente, principalmente por aqueles que deveriam amparar. “Este é um dos grandes problemas, o racismo no Brasil é velado e escancarado, como nos casos frequentes de abordagens policiais abusivas e por experiências discriminatórias e racistas que sofrem ou têm sofrido os jovens negros que moram em bairros periféricos”, (Santana et al. 2023, p. 57).

**O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. (Almeida, 2019, p. 25).**



# PRECONCEITO RACIAL

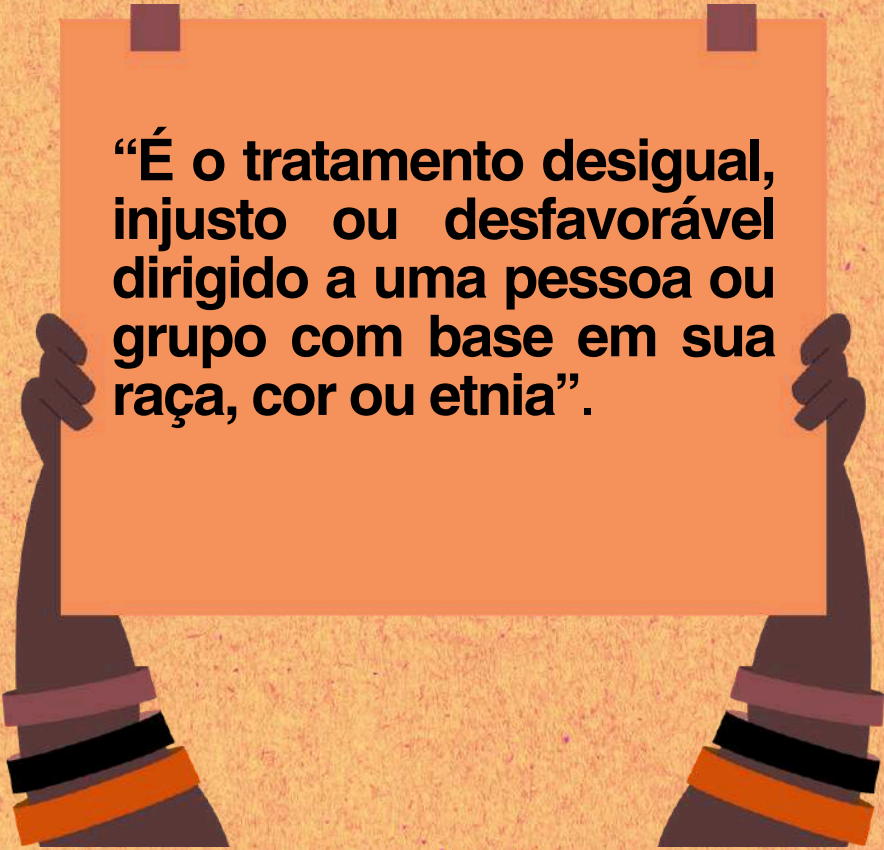
Entendemos que existe de fato uma supremacia branca que detém o poder, e exerce com maestria vários aspectos da vida social e sustenta uma estrutura de poder que resulta numa opressão esmagadora em relação às pessoas negras. Os privilégios percebidos historicamente das pessoas brancas e que são mantidos até os dias hodiernos em nosso país, fortalecem a classe hegemônica, onde “a dominação racial é exercida pelo poder, mas também pelo complexo cultural em que as desigualdades, a violência e a discriminação racial são absorvidas como componentes da vida social”, (Almeida, 2019, p. 61).

O preconceito racial refere-se a julgamentos baseados em estereótipos sobre indivíduos pertencentes a certos grupos racializados, e pode ou não resultar em ações discriminatórias. Exemplos de preconceito incluem a crença de que negros são violentos e pouco confiáveis, que judeus são avaros, ou que pessoas de origem asiática são, por natureza, mais aptas às ciências exatas.



# DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A discriminação racial, por outro lado, implica tratar membros de grupos racialmente identificados de forma diferente. Um aspecto essencial da discriminação é o poder, ou seja, a capacidade real de exercer controle, o que torna possível atribuir vantagens ou desvantagens baseadas na raça. A discriminação pode ser tanto direta quanto indireta. A discriminação direta envolve o repúdio explícito a indivíduos ou grupos devido à sua raça, como ocorre em países que barram a entrada de negros, judeus, muçulmanos ou pessoas de origem árabe ou persa, ou em estabelecimentos que se negam a atender clientes de determinadas raças (Almeida, 2019, p. 22,23).

An illustration of two hands holding a large orange rectangular sign. The hands are dark-skinned and wear multiple colorful wristbands in shades of purple, black, and orange. The sign is pinned to a light orange background with two small dark purple squares at the top. The text on the sign is in bold black font.

**“É o tratamento desigual, injusto ou desfavorável dirigido a uma pessoa ou grupo com base em sua raça, cor ou etnia”.**



# O MOVIMENTO NEGRO



Manifestantes em frente ao Theatro Municipal, em São Paulo, em ato contra o racismo que marcou a fundação do MNU (Movimento Negro Unificado), em 1978 – Jesus Carlos – 7.jul.1978/Imagens

Fonte: [www.geledes.com.br](http://www.geledes.com.br)

O Movimento Negro se apresenta como uma importante manifestação histórica e sociopolítica que surge da necessidade de enfrentamento ao racismo estrutural pela busca de promoção da igualdade racial. Nesse sentido, se constitui um movimento de luta por reconhecimento, justiça e igualdade de direitos, marcada por fortes embates, principalmente no campo da produção cultural. Sabemos que a população negra tem enfrentado ao longo do tempo processos sistemáticos de exclusão e marginalização. Dessa forma, o Movimento Negro busca transformar as estruturas sociais marcadas pelo preconceito e pela discriminação racial. Ele é “entendido como sujeito político produtor e produto de experiências sociais diversas que ressignificam a questão étnico-racial em nossa história” (Gomes, 2019, p. 25).

Nessa perspectiva de lutas e embates promovido pelo Movimento Negro ao longo do tempo, no cenário brasileiro, vemos a conquista e garantias de direito que extrapola o campo da denúncia e segue o campo da “cobrança, intervenção no Estado e construção de políticas públicas de igualdade racial”. Percebemos que nessa nova fase o Movimento Negro ganha certa notoriedade “pela sua atuação na esfera jurídica, política, social e econômica, via a cobrança de garantia de oportunidade iguais e do direito à educação”. Dessa forma o Movimento atinge positivamente o campo acadêmico, quando consegue implementar as políticas de ações afirmativas, como reparação da dívida histórica do país a população negra, através da questão das cotas raciais, ou seja, possibilitando o acesso e a garantia de permanência da população negra no sistema de ensino (Gomes, 2016, p. 45,46).



# O MOVIMENTO NEGRO



Fundado em 1978, o Movimento Negro Unificado derrubou o mito da 'democracia racial' e denunciou o racismo como um problema estrutural, que precisava ser enfrentado. Foto: Jesus Carlos / BBC News Brasil. Fonte: [www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)

Esses apontamentos são necessários para reverberar as consequências trágicas que o racismo e seus estigmas têm provocado à população negra durante séculos em nosso país. A desigualdade social existente em nosso território, aumenta o abismo entre a classe dominante, formada em sua maioria por pessoas brancas e a classe dominada, formada por pessoas negras. Dessa forma, direitos importantes foram suprimidos de forma velada e intencional à população negra.



É oportuno registrar que o Movimento Negro logrou um importante lugar de vivências assertivas no cenário brasileiro. Ao observarmos a intensidade do racismo no contexto social atual, mesmo diante da luta travada contra ele ao longo do tempo, percebemos a relevância de políticas públicas que provocam a inserção da população negra em espaços que outrora eram quase que exclusividade da população branca. Temos ainda a questão da desigualdade social que favorece a permanência do racismo em elevadas taxas em nosso país. Por essa razão, as ações impetradas pelo Movimento Negro são imprescindíveis no combate contra o racismo.



# **“Os participantes do ato público de julho de 1978 distribuíram a seguinte CARTA ABERTA À POPULAÇÃO CONTRA O RACISMO”**

“Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia! Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o subemprego e a marginalização. Estamos nas ruas para denunciar as péssimas condições de vida da Comunidade Negra. Hoje é um dia histórico. Um novo dia começa a surgir para o negro!

Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado na luta contra o racismo.

Os racistas do Clube de Regatas Tietê que se cubram, pois exigiremos justiça. Os assassinos dos negros que se cuidem, pois a eles também exigiremos justiça!”

O MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL foi criado para ser um instrumento de luta da comunidade Negra. Este movimento deve ter como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial, a constante organização da comunidade para enfrentarmos todo e qualquer tipo de racismo. Todos nós sabemos o prejuízo social que causa o racismo. Quando uma pessoa não gosta de um negro é lamentável, mas quando toda uma sociedade assume atitudes racistas frente a um povo inteiro, ou se nega a enfrentar, aí então o resultado é trágico para nós negros: Pais de família desempregados, filhos desamparados, sem assistência médica, sem condições de proteção familiar, sem escolas e sem futuro. E é este racismo coletivo, este racismo institucionalizado, que dá origem a todo tipo de violência contra um povo inteiro.

Nascimento, 2016,p.133  
Trecho da Carta Aberta Contra  
o Racismo





# OS MARCOS LEGAIS E AS AÇÕES AFIRMATIVAS

Após a promulgação da Constituição de 1988, o Brasil se esforça para consolidar um Estado democrático de direito, com foco na cidadania e na dignidade da pessoa humana. No entanto, ainda enfrenta uma realidade marcada por manifestações de preconceito, racismo e discriminação contra os afrodescendentes, que historicamente têm encontrado barreiras para o acesso e a permanência nas instituições educacionais. No entanto, a educação é um dos principais instrumentos de transformação social e, por isso, as escolas devem, de forma democrática, promover a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as particularidades de grupos e minorias.

A inserção das ações afirmativas no cenário educacional brasileiro surge essencialmente para combater os processos discriminatórios e seus terríveis efeitos na vida da população negra e indígena em nosso país. Como o Brasil surgiu a partir de uma conjuntura multicultural. Dessa forma, os negros que foram trazidos para o Brasil para alavancar a economia, através de sua mão de obra escrava, ausentes de direitos básicos e dignidade, foram assim marcados negativamente em vários aspectos de suas vidas, principalmente no âmbito educacional.

Essas políticas surgem como reparação histórica e cultural dos diversos abusos sofridos pela população negra ao longo do tempo. Vejamos nas Diretrizes Curriculares para a educação das relações étnico-raciais, as medidas que devem serem tomadas para ressarcir essa grande dívida com os descendentes de africanos negros:

Nesse âmbito, convém ressaltar que estas iniciativas denunciaram a violência policial, o preconceito no campo do trabalho, o apagamento histórico e a negação de oportunidades educacionais à população negra. As lutas promovidas por esses grupos provocaram mudanças significativas na conquista de direitos através da implementação de políticas públicas afirmativas, e temos como exemplo o sistema de cotas sociais e raciais em universidades federais, nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e concursos públicos.

**[...] O movimento negro, enquanto forma de organização política e de pressão social- não sem conflitos e contradições- tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Ele organiza e sistematiza saberes específicos construídos pela população negra ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva (Gomes, 2016, p.39).**



# CONQUISTAS DO MOVIMENTO NEGRO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

<b>Lei 9.394/1996</b>	A inclusão do artigo 5º que condenou o racismo como crime inafiançável na Constituição Federal de 1988 suscitou alterações nas legislações municipais e estaduais no campo da educação.
<b>Ano 2000</b>	Foi fundada a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).
<b>Ano 2003</b>	Criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social- (SEPPIR)
<b>Lei 10.639/2003</b>	Introduziu os artigos 26-A e 79-B na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas dos níveis Fundamental e Médio. No seu artigo 79-B acrescenta o dia 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra.
<b>Decreto n.º 4.887, de 20 de novembro de 2003</b>	Emissão de certidões às comunidades quilombolas e sua inscrição em um cadastro geral pela Fundação Cultural Palmares
<b>Lei 11.645/2008</b>	A Lei 10.639/2003 foi alterada pela 11.645/2008, onde incorporou a temática indígena.
<b>Lei 12.288/2010</b>	Foi Instituído o Estatuto da Igualdade Racial.
<b>26/04/2012</b>	Aprovação do princípio constitucional da ação afirmativa pelo Supremo Tribunal Federal.
<b>Lei 12.711/2012</b>	Dispõe sobre cotas sociais e raciais para ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de Nível Médio.
<b>Parecer CNE/CEB 16/12 e Resolução CNE/CEB 08/12</b>	Aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola
<b>Lei 12.990/2014</b>	Essa Lei reserva aos negros 20% das vagas oferecidas nos Concursos públicos (CNN).



# EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A obrigatoriedade de incluir a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica representa uma decisão política com profundas implicações pedagógicas, especialmente na formação de professores. Essa medida não apenas assegura a presença de estudantes negros nas instituições de ensino, mas também busca valorizar adequadamente a história e a cultura desse grupo, com o intuito de reparar danos à sua identidade e direitos que se perpetuam há cinco séculos. A importância de se estudar temas relacionados à história e cultura afro-brasileira e africana vai além da população negra; ela é relevante para todos os brasileiros. Isso se deve à necessidade de que todos possam se educarem como cidadãos ativos em “uma sociedade multicultural e pluriétnica”, capazes de contribuir para a construção de uma “nação democrática”(Brasil, 2004, p. 17).

**“A educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime”( Brasil, 2004, p.14).**



“Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas”(Brasil, 2004, p.15).



**Saiba mais**





# EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



O êxito das políticas públicas voltadas para a reparação, reconhecimento e valorização da identidade, cultura e história dos negros brasileiros está intrinsecamente ligado à criação de um ambiente favorável ao aprendizado. Isso implica que todos os estudantes, independentemente de sua origem étnica, assim como os educadores, devem se sentir respeitados e apoiados em suas jornadas. Além disso, é essencial que reavaliemos e transformemos as dinâmicas entre negros e brancos, um processo que chamamos de relações étnico-raciais.

Esse progresso não é uma responsabilidade isolada da escola; requer um esforço conjunto entre o sistema educacional, as políticas públicas e os movimentos sociais. As transformações necessárias—éticas, culturais, pedagógicas e políticas—nas relações entre diferentes grupos étnicos precisam ocorrer em múltiplos espaços e contextos, visando um futuro mais justo e inclusivo para todos (Brasil, 2004, p. 13).

**“A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários” (Brasil, 2004, p. 15).**



# VISITA TÉCNICA ÀS COMUNIDADES QUILOMBOLAS SABALANGÁ E GURGUMBA

Vamos apresentar por meio de registros fotográficos o roteiro da visita técnica que realizamos no dia 12 (doze) de março de 2025, com os discentes da 2ª série do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do Campus Viçosa-AL (turma 2024) e da professora de Sociologia Beatriz Medeiros de Melo às comunidades Sabalangá e Gurgumba, que carregam um peso historiográfico e cultural imenso. Essas comunidades permanecem vivas como demonstração de resistência e superação ao longo do tempo e surgem como possibilidade de espaços não-formais de ensino na Educação Profissional e Tecnológica. Na ocasião, convidamos o professor de história Luiz Carlos, que trabalha como guia turístico e possui um vasto conhecimento historiográfico sobre as referidas comunidades.



**IGREJA DE SÃO JOSÉ**



“Agora sobre o mocambo de Dambraganga: há muito que havia impressionado a existência dos nomes africanos Sabalangá, Gurungumba e Quizanga, o primeiro dado a um povoado de Viçosa, no caminho da serra Dois Irmãos e os últimos a dois regatos próximos do mesmo povoado. Sabendo que o Sabalangá era habitado por negros livres desde os tempos mais remotos da Viçosa e que numa egrejita desse povoado existe uma pequena imagem de S. José, última relíquia da igreja primitiva que ahi existira desde um tempo que os próprios moradores mais antigos não puderam precisar, conclui que tal lugar tinha sido um mocambo dos Palmares” (Brandão, 1914, p. 7,8).





# **VISITA TÉCNICA- COMUNIDADE QUILOMBOLA SABALANGÁ**

## **Palestra na Praça Padre Cícero**



Fonte: Autores



Fonte: Autores



Fonte: Autores



# **VISITA TÉCNICA- COMUNIDADE QUILOMBOLA SABALANGÁ**

**Apresentação de peças de artesanato  
confeccionadas por quilombolas**



**Pintura em tela e peças de crochê**



# VISITA TÉCNICA- COMUNIDADE QUILOMBOLA SABALANGÁ

## INSTALAÇÕES LOCAIS



ESCOLA DE MÚSICA

Fonte: Laís de Oliveira, 2015



ESCOLA (DESATIVADA)

Fonte: Autores



UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE



PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES DO  
SABALANGÁ



PRAÇA PADRE CÍCERO



ARTEFATOS CULTURAIS



IGREJA DE SÃO JOSÉ

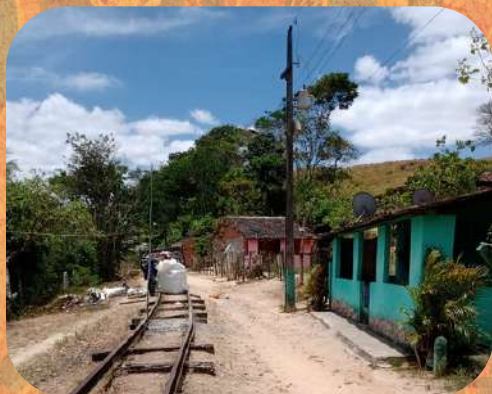


ADEREÇOS CULTURAIS



# VISITA TÉCNICA- COMUNIDADE QUILOMBOLA GURGUMBA

## Residências da Comunidade Gurgumba





# **VISITA TÉCNICA- COMUNIDADE QUILOMBOLA GURGUMBA**

**Ações educativas na comunidade gurgumba**



**Palestra**



**Visita aos quilombolas**

**Momento de observação da Serra Dois Irmãos (vista ao longe)**



**Conclusão das atividades**



# PROPOSTAS DE AÇÕES EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS

## Palestra Educativa Antirracista em um espaço não formal de ensino

Organizar uma palestra em um espaço não-formal de ensino, com foco antirracista e que faça a abordagem do racismo estrutural é uma ação relevante e que pode gerar um impacto significativo no contexto social!

- **Definir local, data da Palestra e a logística**

Ao escolher o espaço não-formal onde será realizada a Palestra é importante marcar o dia e a hora com antecedência e agendar com o responsável pelo espaço. Providenciar o transporte, ver a questão do lanche e combinar com a turma e pessoas que irão participar da Palestra todos esses pontos.

- **Definir os Objetivos da Palestra**

Sugerimos como tema central: A conscientização sobre o racismo estrutural; reflexões sobre práticas antirracistas, ou a promoção da igualdade racial, entre outros.

- **Escolher os autores e referências** que abordam o racismo estrutural e seus estigmas. Algumas sugestões incluem:

Silvio Almeida- Racismo Estrutural

Djamila Ribeiro- Pequeno Manual Antirracista

Sueli Carneiro- Dispositivo de Racialidade

Dennis de Oliveira- Racismo Estrutural- Uma perspectiva histórico-crítica

- **Estruturar o Conceito**

**Introdução:** apresentação do tema e dos autores escolhidos.

**Desenvolvimento:** dividir a palestra em tópicos principais:

Definição de racismo estrutural

Exemplos práticos no Brasil nas comunidades

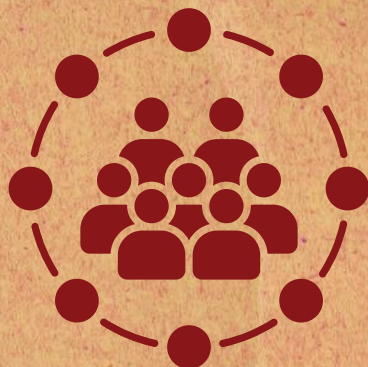
Discussão sobre como podemos ser antirracistas em ações cotidianas.

**Conclusão:** uma reflexão sobre o papel de cada um na luta contra o racismo.

- **Formato da Palestra**

**Palestrante:** convide um especialista na temática antirracista que tenha vivência no tema para falar.

**Atividades Interativas:** Inclua momentos para perguntas e respostas, discussões em grupo ou dinâmicas de conscientização.





# Palestra Educativa Antirracista em um espaço não formal de ensino

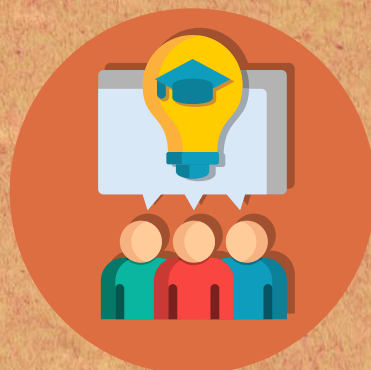
O pensamento freireano enxerga a necessidade de superação do campo da simples apreensão da realidade para adentrar e alcançar o campo da criticidade na busca da transformação da realidade por meio da conscientização do homem. A partir daí as ações do sujeito irão refletir diretamente na mudança dessa realidade. Desse modo acontece o processo de libertação, tendo como base a dialogicidade, a criatividade e a reflexão. Nesse sentido convém ressaltar que “a nova realidade se torna objeto de uma nova reflexão crítica”, (Mizukami, 1986, p.91).

## • Acompanhamento

Após a palestra, é interessante fazer um breve resumo do que foi discutido e contextualizar em sala de aula, indicando materiais adicionais que corroborem com a temática racismo estrutural para os discentes e com isso favorecer a possibilidade de engajamento e ações futuras dentro dessa perspectiva antirracista.

## • Reflexão e Avaliação

Diante do que foi exposto durante a Palestra, é imprescindível fazer uma reflexão para ver o que funcionou e o que poderia ser melhorado para eventos futuros. Nesse sentido, um feedback dos participantes pode ser muito enriquecedor.





## Palestra Educativa Antirracista em um espaço não formal de ensino

“O verdadeiro poder das palestras reside na sua capacidade de inspirar mudanças positivas. Ao compartilhar histórias de superação, ideias inovadoras e insights profundos, os palestrantes têm o poder de transformar vidas. Uma única palestra pode desencadear uma jornada de autodescoberta, motivando os ouvintes a perseguir seus sonhos, superar desafios e alcançar seu pleno potencial”.

Fonte: [brenopfister.com.br](http://brenopfister.com.br)



“Em um mundo repleto de desafios e oportunidades, as palestras continuam a desempenhar um papel vital na disseminação de ideias, inspiração e conhecimento. São faróis de esperança em meio à escuridão, guiando-nos em direção a um futuro mais brilhante e promissor. Que possamos continuar a valorizar e celebrar o poder transformador das palestras, reconhecendo o seu potencial para mudar o mundo, uma palavra de cada vez”.

Fonte: [brenopfister.com.br](http://brenopfister.com.br)



# Rodas de Conversa numa Perspectiva Antirracista

Promover uma roda de conversa com uma perspectiva antirracista, pautada em autores negros, é uma excelente forma de criar um espaço de reflexão, aprendizado e ação. Aqui está um passo a passo que pode te ajudar a planejar e conduzir a atividade de maneira eficaz:

- **Objetivos da Roda de Conversa e Temática escolhida:**

Conscientizar sobre o racismo estrutural e institucional;  
Refletir sobre as práticas diárias de racismo;  
Promover o diálogo sobre a luta antirracista e os avanços históricos;  
Explorar estratégias de resistência e construção de um mundo mais justo;

Defina a meta da roda de conversa. Pergunte-se: o que você quer que os participantes levem de aprendizado? Pode ser sobre a história e vivência de autores negros, a resistência e a luta antirracista, ou até a análise de obras literárias específicas.

Exemplo de tema: As Comunidades Quilombolas como símbolo de resistência

- **Seleção dos Autores:**

É importante fazer a escolha de obras de autores negros e que estejam conectadas com a proposta antirracista e que tragam a tona questões relacionadas a negritude, resistência, identidade e a historiografia da escravidão como Flávio Gomes, Munanga Kabengela, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Sílvio Almeida, Petrónio Domingues, entre outros.

- **Convite e Formação do Público**

Organize o evento de forma que a roda de conversa seja inclusiva. Você pode convidar pessoas da comunidade escolar, acadêmica ou qualquer público interessado, mas é importante garantir que a conversa seja aberta a diferentes perspectivas, especialmente de pessoas negras, que têm vivências mais diretas sobre o tema.

Dica: Incentive a diversidade dentro do grupo. A presença de pessoas negras é fundamental para a conversa, pois elas trazem vivências e experiências de racismo que podem enriquecer muito a discussão.



## Rodas de Conversa numa Perspectiva Antirracista

“Rodas de Conversa- São momentos dedicados ao debate sobre um determinado tema, nos quais os participantes se reúnem formando um círculo e todos têm oportunidade de expressarem-se, dentro de uma determinada ordem, previamente informada pelo mediador, que é a pessoa responsável por organizar e conduzir o diálogo” (Soares, 2019, p.3).

Organizar uma roda de conversa com a temática antirracista é uma excelente maneira de promover conscientização, reflexão e diálogo. Esse **Guia de Ações Educativas Antirracistas** pretende direcionar o planejamento dessa prática, principalmente nos espaços não-formais de ensino. Nesse sentido, é importante definir os autores e abordagens que corroborem com a temática proposta para enriquecer a conversa. Você pode ajustar a abordagem e os temas da roda. É essencial que as discussões sejam fundamentadas em teorias antirracistas relevantes.





# Rodas de Conversa numa Perspectiva Antirracista



## Estrutura da Roda de Conversa

Apresentamos aqui uma sugestão de estrutura:

**Boas-vindas e apresentação:** apresentar os objetivos da roda, contextualizar a importância do tema antirracista e criar um ambiente acolhedor.

**Estabelecer regras de convivência:** é importante definir algumas regras para garantir que todos participem, respeitando o tempo de fala de cada um sem interrupção.

**Exposição inicial ( 20-30 minutos)**

**Leitura de trechos selecionados:** de autores que fazem a abordagem antirracista. Cada trecho pode ser lido por uma pessoa diferente.

**Reflexão sobre o conteúdo:** Após a leitura, proponha algumas perguntas de reflexão, como:

O que esse texto nos revela sobre o racismo?

Como as palavras de [autor(a)] podem ser aplicadas no contexto atual?

O que podemos aprender com a luta de pessoas negras ao longo da história?



# Rodas de Conversa numa Perspectiva Antirracista

## **Dinâmica de Conversa (40-60 minutos)**

**Perguntas Guiadas:** Organize a roda em torno de perguntas que ajudem a aprofundar a reflexão, como:

Como o racismo se manifesta no nosso dia a dia?

Como o racismo estrutural afeta nossas oportunidades e nossas relações?

O que podemos fazer, individual e coletivamente, para combater o racismo?

**Espaço para depoimentos:** Crie momentos em que as pessoas possam compartilhar experiências pessoais e refletir sobre suas próprias vivências em relação ao racismo.

## **Conclusão: (15-20 minutos)**

**Síntese e Encerramento:** Resumir os pontos principais que surgiram durante a roda de conversa, agradecendo a participação de todos.

**Reflexão final:** Propor um pensamento para a continuidade da luta antirracista, como por exemplo:

Como podemos aplicar o que discutimos hoje nas nossas ações cotidianas?

O que podemos fazer para continuar aprendendo e agindo contra o racismo?

## **Materiais de Apoio**

**Bibliografia Recomendada:** Deixe uma lista de livros e textos recomendados para aprofundamento após a roda de conversa.

**Vídeos:** Você pode também trazer vídeos curtos de entrevistas ou palestras de autores como Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Sueli Carneiro, Angela Davis, entre outros, para gerar mais reflexão.

## **Fechamento e Ações Futuras**

**Encerramento com Ação:** Se for possível, proponha um ação prática, como uma campanha de conscientização, o compartilhamento de recursos educativos.

Essa estrutura pode ser ajustada conforme o tempo disponível, o número de participantes e a profundidade desejada no debate.



# PROPOSTA DE VISITA TÉCNICA A UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Realizar uma visita técnica em uma comunidade quilombola requer planejamento e sensibilidade, já que se trata de um espaço com rica cultura e história. Aqui estão algumas etapas e recomendações para conduzir essa visita:



**Pesquise sobre a comunidade:** Estude a história, cultura, e as principais atividades da comunidade quilombola que você pretende visitar.

**Atualize-se sobre a legislação:** Conheça as leis e direitos que protegem as comunidades quilombolas no Brasil.

## **Objetivo da Visita**

Promover uma troca de conhecimentos sobre cultura, história e luta antirracista, respeitando e valorizando a cultura quilombola.

## **Definir local, data da Palestra e a logística**

Ao escolher o espaço a Comunidade quilombola onde será realizada a Palestra é essencial marcar o dia e a hora com antecedência e combinar com o representante da Comunidade.

Providenciar o transporte, ver a questão do lanche e combinar com a turma e pessoas que irão participar da visita técnica todos essas questões.

## **Participantes**

Representantes e membros da comunidade quilombola

Profissionais da área de educação, estudantes e interessados na temática e o organizador da visita, geralmente um professor da turma.

## **Materiais Necessários**

Material informativo sobre a história da comunidade e a temática antirracista.

Importante garantir que a visita seja realizada com o consentimento e a participação ativa da comunidade quilombola.

Buscar parcerias com organizações que já atuem em defesa dos direitos dos quilombolas.

Promover uma reflexão crítica ao longo de toda a visita sobre a importância do antirracismo na sociedade.

Esse roteiro pode ser adaptado conforme a realidade da comunidade e o perfil dos visitantes, sempre respeitando os saberes e a autonomia da população quilombola.



# PROPOSTA DE VISITA TÉCNICA A UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

## Cronograma da Visita

08:00 - Chegada e Recepção

Boas-vindas aos participantes.

Apresentação dos objetivos da visita.

08:30 - Roda de Conversa

Tema: "História da Comunidade Quilombola"

Participação de líderes comunitários

para compartilhar a origem, lutas e conquistas da comunidade.

Espaço para perguntas e interações.

9:30 - Visita às instalações locais

conhecimento sobre a infraestrutura da comunidade (escolas, centros culturais, espaços de convivência, espaços de confecções de artesanato, entre outros).

10:00: Pausa para o lanche

10:30 - Atividade Cultural

Apresentação de danças e canções tradicionais.

Demonstração de práticas culturais específicas (culinária, artesanato, etc.).

Reflexão sobre a importância da valorização da cultura afro-brasileira.

11:00 - Debate: Racismo e Identidade

Tema: "Desafios atuais enfrentados pela comunidade"

Proposta de discussão sobre o racismo estrutural, identidade quilombola e resistência.

Integração de experiências e relatos dos participantes.

11:30 - Encerramento

Considerações finais de representantes da comunidade e do professor que coordenador da visita.

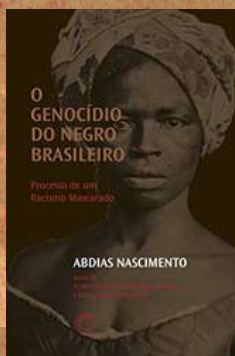
Agradecimentos e entrega de materiais informativos sobre a luta antirracista e a cultura quilombola.



**A visita técnica como proposta pedagógica de ensino tem importância em função de seu papel investigativo e pedagógico de auxiliar o estudante na compreensão de fenômenos diversos. (Almeida, Santos, 2008, p.1)**

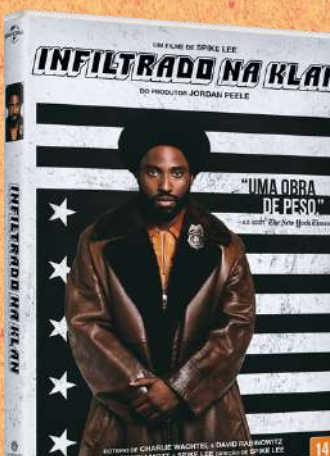
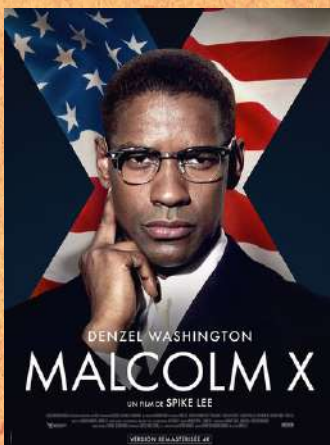


# SUGESTÕES DE LIVROS COM A TEMÁTICA ANTIRRACISTA PARA CONTRIBUIR NA ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS





# SUGESTÕES DE FILMES COM A TEMÁTICA ANTIRRACISTA PARA CONTRIBUIR PARA A DISCUSSÃO E ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS





## INDICAÇÕES DE ARTIGOS COM A TEMÁTICA ANTIRRACISTA PARA CONTRIBUIR NA ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES EDUCATIVAS EM ESPAÇOS NÃO - FORMAIS DE ENSINO

- SECAD/MEC. (Org.). Educação antirracista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em:  
[https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_volume2\\_educacao\\_anti\\_racista\\_caminhos\\_abertos\\_pela\\_lei\\_federal\\_10639\\_2003.pdf](https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume2_educacao_anti_racista_caminhos_abertos_pela_lei_federal_10639_2003.pdf)
- DOMINGUES, Petrônio. MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: DO DENUNCISMO ÀS POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL. Tempo. v. 12. n.23. pág. 100-122, 2007. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>
- GOMES, Jarbas Mauricio; LIMA, André Suêlto Tavares de. OS ESPAÇOS NÃO- FORMAIS DE ENSINO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO. Humanidades e Inovação, [s. l], p. 366-379, 12 nov. 2021. Mensal. Disponível em:  
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5935>
- PEREIRA, Amilcar Araujo. "Por uma autêntica democracia racial!": os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. In Revista História Hoje, ANPUH, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v1i1.21>
- NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. Psicol. USP [online]. 2006, vol.17, n.1 [citado 2025-08-16], pp.89-98. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>
- Munanga, K. (2015). Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, 62, 20-31. Disponível em:  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p20-31>



# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural/ São Paulo: Sueli Carneiro: PÓLEN, 2019.

ALMEIDA, Paulo Daniel Curti de. Santos, Thiago Rafael da Costa. A visita técnica como estratégia de ensino: ressignificando a teoria de sala de aula com as práticas in loco numa perspectiva interdisciplinar. XIX Encontro nacional de geógrafos, João Pessoa, 2028.

ARAÚJO, Zezito de. Quilombo dos Palmares/ 2 ed.- Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2021

BRANDÃO, Alfredo. Viçosa de Alagoas: o município e a cidade. (Notas históricas, geográficas e arqueológicas). Edição Fac-Similar. São Paulo: Editora Plátano, 2005.

BRANDÃO, Alfredo, “Viçosa de Alagoas”, ed. Imprensa Industrial, Recife, 1914.

BRANDÃO, Alfredo, Os negros na história de Alagoas/ 3.ed.-Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, Edufal, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Novembro de 2004.

PFISTER, Breno. Desvendando o poder das palestras, Breno Pfister, 2024.

CASTILHO, Evanizis Dias Frizzera, Perspectivas dos espaços de educação não formal e da abordagem CTSA na formação do técnico em mineração: um estudo de caso no Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Cachoeiro de Itapemirim, 2014.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida . O processo de abolição na imprensa periodista alagoana (1870- 1888). Anais do V Encontro Internacional de História UFES/Paris-Est , v. 5, p. 440-454, 2016.

CASTILHO, Fábio. (2018). Escravidão e violência: crimes cometidos no interior de Alagoas no final do XIX em uma perspectiva da prática de jaguncismo. OPSIS. 18. 10.5216/o.v18i2.48731.

FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1129-1152, out. 2007.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação das políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOMES, Jarbas Mauricio; LIMA, André Suêlto Tavares de. Os espaços não-formais de ensino e a prática pedagógica no ensino médio integrado. Humanidades e Inovação, [s. l], p. 366-379, 12 nov. 2021. Mensal.



# REFERÊNCIAS

- GOMES, Nilma Lino, O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrada subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 39, n. 3. p. 705-720, ju./set., 2013.
- MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- OLIVEIRA, Dennis de. Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica/ 1ª edição- São Paulo: Editora Dandara, 2021.
- QUEIROZ, Marcos, Clóvis Moura e Florestan Fernandes; Interpretações marxistas da escravidão, da abolição e a emergência do trabalho livre no Brasil. Revista Fim do Mundo, nº 4, 2021.
- SANTANA, J. V. J, de; Ferreira, M de F. de A.; k. A. de O.; Eugênio, B. G. (Orgs). Etnicidades, relações étnico-raciais e educação: perspectivas plurais. Uberlândia: Navegando Publicações, 2023.
- SIMSON, Olga Rodrigues De Moraes Von; Park, Margareth Brandini; Fernandes, Renata Sieiro; Afonso, Almerindo Janela. Educação não-formal: cenários da criação. Campinas- São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- SOARES, Andriara Ponte Casarotto. Roteiro para roda de conversa sobre o PNAES, IFFar- RS, 2019.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). "Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos". São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SOARES, VASCONCELOS SOBRINHO, Julio Caio Cesar Rodrigues. Escravidão em Viçosa: um roteiro histórico / Julio Caio Cesar Rodrigues. – Maceió, 2023.





**INSTITUTO FEDERAL**  
Alagoas



**PROFEPT**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA